


Estrela morta: perspectivas autoficcionais para o HIV

Dead star: self fictional perspectives for HIV

Gunnar Guedes Borges

 0000-0002-0613-9762
gunnarborges@gmail.com

Resumo

Estrela morta é uma pesquisa autoficcional em arte para o debate sobre o HIV. Interessa-me propor diversas perspectivas narrativas para a história de um familiar morto. É uma tentativa de sepultar um corpo em palavras. O refazimento de um trauma. A autoficção é um dispositivo que lança sobre o vírus da imunodeficiência adquirida proposições narrativas e debates mais lúcidos. Com documentos, relatos, fotografias, sonhos, memórias, reconstruo a história de um morto, mas também lhe atribuo panoramas imagéticos, fantásticos e poéticos. A reconstrução da minha memória. Um reencontro com um fantasma. É um interesse sobre o cenário da Aids no passado para mirar os adventos atuais. É o desejo de olhar para os mortos na epidemia do HIV nos anos 1980 para dar novas perspectivas aos corpos com HIV ainda em vida. É uma insurgência ao discurso moralista.

Palavras-chave

HIV. Autoficção. Memória. Estrela.

Abstract

Dead star is a autofiction research in art for the HIV debate. I'm interested in proposing different narrative perspectives for the story of a dead family member. It's an attempt to bury a body in words. Redoing a trauma. Autofiction is a device that launches more lucid narrative propositions and debates on the acquired immunodeficiency virus. Through documents, reports, photographs, dreams, memories, I reconstruct the story of a dead man, but I also attribute to him imagetive, fantastic and poetic panoramas. The reconstruction of my memory. A reunion with a ghost. It is an interest in the Aids scenario from the past to look at current events. It's the desire to look at the dead in the HIV epidemic in the 1980s to give new perspectives to still-living bodies with HIV. It is an insurgency to moralistic discourse.

Keywords

HIV. Autofiction. Memory. Star.



Figura 1
Foto do tio Marcelo

A estrela: imagem fundadora

Uma noite de céu estrelado serve como paisagem para contemplação. Mira-se o horizonte, acima dos olhos, na tentativa de buscar nos astros os símbolos que codifiquem os enigmas humanos. Estrelas alternam-se no irradiar de luz furta-cor e em feixes de luz desfocados. Sua dimensão corpórea é incapturável ao olho humano. Estrelas são assombros astronômicos de luz em meio à noite. É possível ver apenas uma pequena parte do que elas são por inteiro. No momento em que as observamos, anos-luz já aceleraram adiante e à frente do próprio instante em que nos dedicamos a mirá-las.

Sua lógica temporal falha a definição de tempo como uma sucessão de acontecimentos passados, seguindo a progressão ao futuro, como o uso cronológico – Kronos –, que grafa o tempo como uma linha reta sempre ascendente. A estrela é justamente o tempo espiralar: o tempo que avança enquanto também retorna. Ao ser vista no momento presente, ela expõe uma projeção do seu passado, justamente porque habita um tempo futuro – seu tempo é o *Aion*.

Aion compreende que estar no momento presente é também rememorar uma experiência passada e, simultaneamente, ser catapultado para um lapso de futuro. Só posso, pois, imaginar o que pode vir a ser, se frequento o que já passou. Ou só posso ofertar uma perspectiva de futuro aqui, no presente, se frequento as histórias que sucederam:

Em primeiro lugar, toda a linha do Aion é percorrida pelo instante, que não para de se deslocar sobre ela e faz falta sempre em seu próprio lugar. Platão diz muito bem que o instante é *atopon*, atópico. Ele é a instância paradoxal ou o ponto aleatório, o não senso de superfície, a quase causa, puro momento de abstração cujo papel é, primeiro, dividir e subdividir todo presente nos dois sentidos ao mesmo tempo em passado-futuro, sobre a linha do Aion. Em segundo lugar, o que o instante extrai assim do presente, como dos indivíduos e das pessoas que ocupam o presente, são as singularidades, os pontos singulares duas vezes projetados, uma vez no futuro, outra no passado, formando sob esta dupla equação os elementos constituintes do acontecimento puro (Deleuze, 2015, p. 92).

A estrela é um tempo remoto, 500 anos-luz à frente da vida na Terra. Sua imagem é uma projeção de si além desse espaço-tempo. Ela viaja sem ser vista, e essa é a sua condição astrofísica de um rastro: uma refração da sua aparição primeira. Quando miramos uma estrela no céu, já não existe mais sua forma original, vemos apenas um astro em corpo espectral – a estrela morta.¹

Tio Marcelo: o fantasma enquanto objeto de pesquisa

Cidade de Volta Redonda, interior do Rio de Janeiro, 1969. Tio Marcelo, irmão mais novo de quatro irmãs – uma delas, minha mãe, a mais velha – nasceu no seio de uma família simples e unida. Marcelo viveu sob cuidados da Ana, minha avó, uma matriarca religiosa, casada com um homem ateu. Ainda na infância, Marcelo esboçava atitudes fora dos padrões das crianças do seu entorno. O apreço pelas bonecas e vestidos o inseriram numa infância *docilizada* e perigosa. Anos depois, tornou-se cabeleireiro de profissão e se dedicava às criações *dragqueen*.

¹ Os astros mais brilhantes ficam a 500 anos-luz da Terra. Ou seja, sua luz passa 500 anos viajando antes de ser vista por nós. As estrelas mortas que podemos ver ficam em galáxias distantes da Terra. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/imagem-com-anos-luz-de-atraso>. Acesso em 1 ago. 2022.

Tio Marcelo apresentava uma felicidade exacerbada, como relatam as irmãs. Era ele quem tomava a frente dos eventos festivos familiares e da recepção das crianças que nasciam na família. O seu cuidado com os detalhes, junto ao seu bom senso estético, caracterizava sua personalidade exuberante – sempre com um largo sorriso, como é possível testemunhar nas fotografias. Marcelo era *gay*/homossexual/bicha e carinhosamente chamado de Estrela.

Agosto de 1993, uma notícia inesperada assustou minha família. Meu tio começou a perder peso bruscamente e se isolou das pessoas mais próximas, a fim de esconder as manchas púrpuras que se espalharam em sua pele. Os cabelos foram ficando ralos, as olheiras sobressaíam enegrecidas, e ele adquiriu o estranho hábito de medir a finura do pulso todas as manhãs. Aos 24 anos, a Estrela foi diagnosticada como pessoa vivendo com HIV.

Meu tio viveu alguns poucos meses depois do diagnóstico, morto pela Aids em 2 de novembro, Dia dos Mortos, com pouco tempo para que minha avó e alguns familiares tentassem um vínculo afetivo mais aproximado. Anos mais tarde, ainda criança, eu ouvia sempre a mesma sentença dos meus familiares: “Como você se parece com o Marcelo. Você é igual a Estrela. Impressionante a sua semelhança com seu tio”.

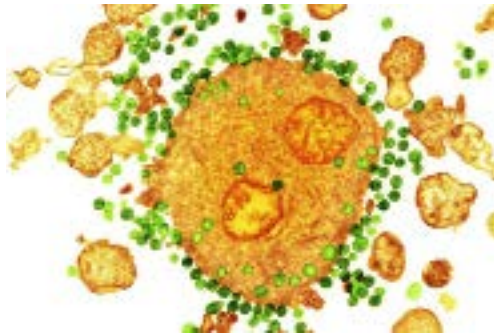


Figura 2
Vírus da Aids

A curiosidade com aquele alguém que me espelhava e não pude conhecer me levava sempre até uma fotografia e, inegavelmente, somos muito parecidas. Quando adolescente, para além das semelhanças físicas, me via também em suas roupas, seus gestos e na existência que ela construiu. Eu sou a outra bicha da família. Essa é, de fato, nossa maior semelhança. “Você é o que restou do Marcelo”, sentença proferida por anos por alguns familiares e amigos do meu tio. Sou a lembrança de um morto ou a personificação de um fantasma. Era e sou a continuidade da Estrela. Talvez seu rastro, seu reflexo mais novo. Sou a sua estrela morta.

Minha mãe é proprietária de um laboratório de análises clínicas, onde convive e conviveu diariamente com exames de HIV e famílias sorodiversas.² Ao saber da minha sexualidade *queer*,³ a morte do meu tio voltou à tona e tornou-se um desafio por um longo período da minha juventude. O medo de um novo contágio ou de que eu refizesse a história da Estrela geraram uma vigília familiar constante.

Fiz e refiz inúmeros exames de HIV. Sentia tremores todas as vezes que recebia os resultados. Experienciava inúmeros arrependimentos sobre minhas relações sexuais. E assim sublimiei minha vontade de aprofundar relações afetivas: meu tio tornara-se o pior dos fantasmas. Meu desejo era apagar os discursos proferidos por anos que fundiam minha existência à dele.

Agora, quando olho para a Estrela de frente, vejo que o medo da minha família – e o meu próprio – eram reproduções cooptadas por preconceito e ignorância. Há na história do meu tio e na atual história do HIV muito mais potência do que medo.

Diagnóstico negativo: breve contexto geral do HIV

Foi na década de 1980 que o mundo passou pelo marco da epidemia da imunodeficiência adquirida (Aids), evento que radicalizou a história das políticas sexuais aos corpos dissidentes, sobretudo aos corpos *queer*. Segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/Aids (Un aids),⁴ foram mortas mais de 30 mil pessoas no mundo diante do contágio do vírus, sendo a maioria composta por homossexuais e transexuais.

Estigmatizadas⁵ por um senso moralista e religioso, es infectades eram marcades como corpos-bombas, como vetores de perigo para a sociedade e

² Denominação para famílias formadas por pessoas com *status* HIV diferentes (positivo e negativo).

³ O termo “*queer*” aqui assume a dimensão positiva para referenciar performatividades que tensionam permanentemente os padrões de normatividade. Usado durante muito tempo, principalmente no contexto estadunidense, como uma forma de depreciação, xingamento e inferiorização com aqueles que rompiam normas de gênero e sexualidade, o termo foi positivado tanto no âmbito acadêmico quanto nos movimentos sociais e passou a ser utilizado como uma forma de se referir aos processos de subjetivações que subvertem os dispositivos de controle, em particular, o dispositivo da sexualidade.

⁴ As atualizações e dados anuais sobre HIV/Aids são monitorados e passíveis de ser acompanhados pela Un aids. Disponível em: <https://un aids.org.br/estatisticas/>. Acessado em 1 ago. 2022.

⁵ Utilizo o pronome neutro a fim de retirar os corpos que convivem com HIV do binarismo de gênero, já que a atual diversidade de corpos que convivem com o vírus abarca a multiplicidade de expressão de gênero para além da definição homem e mulher.

postes na marginalidade, fatores esses que culminaram na disseminação da sorofobia – aversão às pessoas positivas.⁶ Podemos imaginar, por exemplo, que passados alguns anos, após os avanços medicinais e de assistência pública aos corpos que convivem com HIV, Michel Foucault teria sobrevivido pela intervenção do coquetel⁷ e não teria se trancado no seu quarto na Rua Vaugirard, em Paris.

Foucault, uma das primeiras figuras públicas a morrer em decorrência das deteriorações do vírus, apontou bases fundamentais para pensar a gestão política das epidemias. A partir de suas definições, deparamo-nos com a intromissão do poder também sobre o controle e a vigília dos corpos – a biopolítica, que opera dinâmicas excludentes e opressoras na garantia da manutenção de determinados corpos em vida:

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e o delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos (Foucault, 1977, p. 182).

A distinção de quais corpos são passíveis de garantir sua legitimidade imunológica e quais não atribui ao poder uma manifestação política espreada – legislação, polícia, mídia etc. –, que fabrica determinados tipos de corpos e controla seu funcionamento, condicionando seus modos de produção e relação. Foucault propõe um deslocamento daquilo que seria a “sociedade soberana” para a “sociedade disciplinar”, a partir do surgimento de um modo diferente de legitimar a soberania social, agora, por meio de decisões e ritualizações da morte que gerenciam a vida segundo interesses nacionais.

⁶ Terminologia proposta pelo Unids para se referir às pessoas que convivem com o vírus HIV. O programa chama atenção para as nomenclaturas a fim de empregar aos corpos com HIV vocativos que diminuam ou retirem os estigmas depreciativos em relação ao vírus. Ele afirma que “a linguagem molda as crenças e pode influenciar comportamentos. O Unids acredita que a utilização ponderada de linguagem apropriada tem o poder de fortalecer a resposta global na epidemia”.

Pensando nessa questão, o Unids decidiu desenvolver diretrizes de terminologias para ser utilizadas por seus funcionários, por colegas das organizações copatrocinadoras do Programa Conjunto, bem como por outros parceiros que atuam na resposta global ao HIV. Esse documento pode também servir de guia para a imprensa, estudantes, empresas e pessoas que trabalham ou se interessam pelo tema.

⁷ Terapia medicamentosa destinada ao tratamento de HIV.

Os dispositivos governamentais da biopolítica se expandem como uma teia de poder que ultrapassa o campo legal e punitivo, para se tornar um meio de poder espacializado que interage no território, até adentrar o corpo do indivíduo. Em meio e após a crise da Aids, diversos autores alargaram as ideias de Foucault e suas redes de interação com as políticas imunológicas.

O filósofo Roberto Espósito pesquisou relações entre a perspectiva política de “comunidade” e a perspectiva biomédica de “imunidade”. Segundo Espósito (2017), é preciso olhar a biopolítica por uma perspectiva também imunológica, ou seja, a própria definição de comunidade estaria ligada a uma hierarquia que define os corpos que são ou não passíveis de imunização. Ou ainda, quais corpos são considerados potencialmente perigosos e, portanto, excluídos do corpo social como medida de proteção imunológica.

Mesmo com avanços medicinais em torno da contenção do vírus, a recusa ao corpo HIV ainda é uma realidade, pois, além de uma exclusão do suporte de imunização e assistência médica, são persistentes as políticas e narrativas que marcam esses corpos como portadores de um óbito provisório, reduzindo sua subjetividade apenas à doença.

É nítida a ascensão homofóbica e misógina nas bancadas governamentais brasileiras, que ovacionam um Estado necropolítico,⁸ promotor da morte e exclusão dos corpos que experimentam a sexualidade, expressam gêneros e desviam as normas hegemônicas. Para ir às avessas desse modelo, apresenta-se a necessidade de *re-visão* das narrativas direcionadas aos corpos positivos, para que se emancipem de perspectivas depreciativas e legitimem um debate mais lúcido e propositivo. Ou, como expõe Preciado (2011, p. 25),

Foi no âmbito do biopoder que os corpos, na sua dimensão anatofisiológica e na sua dimensão social, passaram a constituir dispositivos complexos onde o controle e a disciplinarização foram a força motriz no primeiro momento. Foi com base no natural, no biológico, na diferença sexual que o capitalismo, entre outras características, tornou-se cada vez mais hegemônico. A pergunta central consiste em pensar como os corpos que não se conformam à matriz heteronormativa têm, cada vez mais, força e visibilidade, reclamam e ocupam lugares na gramática social.

⁸ Necropolítica é um conceito desenvolvido pelo filósofo negro camaronense Achille Mbembe (2018), que questiona os limites da soberania quando o Estado escolhe quem deve viver e quem deve morrer. Para Mbembe, quando se nega a humanidade do outro qualquer violência torna-se possível, de agressões até a morte.

No Brasil, por exemplo, as eleições presidenciais de 2018 levaram ao Palácio do Planalto o capitão reformado do Exército Jair Messias Bolsonaro, depois de uma campanha que desprezou violentamente valores caros à democracia, como os direitos humanos, a educação sexual e o respeito à diversidade. O relatório da UnaidS aponta alguns países que precisam aumentar seus esforços na luta pela assistência ao corpo com HIV.

Esse documento expõe um aumento relevante, porém desigual, do acesso à terapia antirretroviral. O Brasil se destaca dentre esses países e sofre com o retrocesso das conquistas desde a posse de Jair Bolsonaro. A UnaidS alerta para o fato de que os avanços obtidos, até agora, estão ameaçados e o progresso pode ser interrompido se não houver uma ação urgente por parte das instituições governamentais e públicas.

Ainda em 25 de outubro de 2021, Jair Messias Bolsonaro fez um pronunciamento em uma conferência nas plataformas de mídia social Facebook e Instagram, para associar a vacina da covid-19 ao alastramento da Aids. O então presidente, em mais uma das suas difamações e falsas repercussões científicas, afirmou que, ao nos vacinar contra a covid-19, estaríamos aptos a adquirir rapidamente a imunodeficiência adquirida, fala que gerou forte reação de entidades médicas e especialistas da área da saúde.⁹

A Sociedade Brasileira de Infectologia publicou uma nota repudiando¹⁰ toda e qualquer notícia falsa que circule e faça menção a essa associação inexistente. Além disso, especialistas em infectologia apontaram que a fala do presidente reforça o estigma em torno de pessoas que vivem com HIV no país. “O que causa Aids é a desigualdade, o preconceito e o estigma”, publicou Vinícius Borges,¹¹ infectologista especializado em saúde de pessoas LGBTQIA+.

O que intenta o discurso do presidente em retomar a consciência nostálgica dos preconceitos alastrados na epidemia HIV nos anos 1980? Seria ainda tentar condenar corpos que se desviam da norma heteropatriarcal e cristã? Ou será que, mesmo com medidas públicas que garantem a continuidade de uma vida

⁹ Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/72729/>. Acesso em 4 ago. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://infectologia.org.br/2022/01/07/nota-de-repudio-da-amb/>. Acesso em 4 ago. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/movimento-de-aids-considera-decisao-de-bolsonaro-sobre-cartilha-do-adolescente-um-crime-e-retrocesso-na-luta-contra-novas-infeccoes/>. Acesso em 4 ago. 2022.

saudável às pessoas positivas, ainda encontramos incômodo no inegável fato de que a sexualidade se experimenta e prolifera em vias cada vez mais diversas? O quão insuportável aos olhos do patriarcado é admitir a existência de homens amando outros homens, famílias poliamorosas, mulheres com diversos parceiros sexuais, sexo sem intento de procriação, mulheres trans deslocando-se das estatísticas do HIV para ingressar em universidades públicas? Quem tem medo do HIV e por quê?

A cela: o encontro com o medo

Retorno agora ao centro de meditação Vipassana, em Morro Azul, um vilarejo em meio à floresta na cidade de Miguel Pereira, interior do Rio de Janeiro. Foram dez dias em que fiz silêncio absoluto, 12 horas de meditações diárias, sendo três delas em meditação coletiva, no grande salão com todos os e todas as participantes – durante a vivência meditativa, os homens estavam separados das mulheres.

Outras três horas de meditação aconteciam na cela – um minúsculo quarto com uma luminária e uma das paredes de pedra bruta – chamada mesmo de cela. Três horas eram destinadas à meditação no quarto. Esse tempo também me servia para descanso e pequenos afazeres. Meditar, por mais pacificador que seja o resultado, é um exercício bastante exaustivo.

Não podíamos ler, tampouco escrever; não podíamos matar, incluídas nessa proibição formigas e folhas; não podíamos cometer nenhuma prática sexual; fazíamos apenas três refeições diárias, sendo a última um chá e uma fruta, para preparar um jejum total até as 5h45 da manhã seguinte, horário de início das atividades.

No quarto dia do retiro, impressionei-me como o silêncio começava a agir nos presentes. Inicialmente, nos horários de refeição, havia sempre uma fila de homens esperando para lavar louças. Por vezes, um esbarrão ou uma trombada deixavam escapar alguns pedidos de “desculpa” ou um “com licença”, de maneira a quebrar brevemente o pacto do silêncio absoluto.

No sexto dia, acordei antes de o sino tocar, às 5h45, para a primeira meditação, e um estranho pensamento me invadiu a mente: e se eu tiver HIV? Eu já estive em risco? A semelhança tão intrínseca com a Estrela me reserva o mesmo destino? Por que sei tão pouco sobre a história do meu tio? No oitavo dia, toda e qualquer meditação não servia para apaziguar a mente, mas, tão somente,

me imergir profundamente nos pensamentos sobre o vírus, acompanhados de profunda saudade de alguém que não conheci.

Quase ao fim do retiro, à tarde, na cela, passei a fazer especulações a respeito de como iria contar aos meus familiares sobre o HIV, e como eles reagiriam a essa notícia. Pensava em quais amigas e amigos poderiam realmente me ajudar. E sentia arrependimento por todas as relações sexuais que tive. Passei a crer que viveria menos tempo do que gostaria.

No último dia, assim que acordei, peguei minha mochila e decidi ir embora imediatamente. Vou até a sala conversar com o responsável pela coordenação do retiro. Um senhor branco, com cabelos igualmente brancos, me ofereceu um chá enquanto solicitava que eu o acompanhasse até a porta que dá saída do retiro e entrada no início do caminho na floresta.

O senhor me esclarecia que, antes mesmo de estar diante de um confinamento silencioso, eu estava ali para uma cirurgia mental. Sair naquele momento era como voltar à vida com uma ferida aberta. Contei a ele sobre os pensamentos em torno do HIV e o assombro por um diagnóstico súbito. Ele me pergunta sobre a morte de alguns familiares. Conto sobre a avó paterna – sobre o tempo que despandíamos com jogos de baralho acompanhados de biscoito de nata. Rememoro o avô paterno, que morreu antes do meu nascimento, sem muito mais que isso. E conto sobre a Estrela. Sentimos um alívio mútuo. A morte do meu tio, de fato, nunca esqueci.

A avó: a serpente Oroboros

Oroboros é a serpente que gira sobre si mesma e morde a própria cauda. Seu simbolismo guarda a noção de que tudo terá um fim e tudo há de começar de novo, em uma dinâmica cíclica, nunca estática. À prova de tudo, a serpente impõe um movimento ininterrupto de transformação: os binômios morte e vida e início e fim pertencem à fatalidade dos fatos – no exato instante em que algo morre, um novo começo se inicia.

Fora do Ocidente, sobretudo no eixo África-Oriente Médio, há milênios, a figura da serpente é retratada como a Kundalini – a pulsão sexual que mantém a vida em estado de *ânima*. *Ânima*, por sua vez, carrega em sua etimologia o significado “preenchido de Deus”. A manobra que leva a pulsão do centro do

corpo até as extremidades é a Kundalini, considerada a vivacidade da ânima. Estar animado é, pois, estar preenchido de Deus. Ou, ainda, preencher-se de Deus é estar permeado pela pulsão sexual – a serpente.

Essa sentença milenar sempre pareceu perigosa demais, e, para melhor controle e castração dos corpos, fora conveniente transformar a serpente em símbolo do inferno. Bichas como eu e a Estrela, desviantes da norma, seremos sempre expulsas do paraíso, dadas excessivamente ao pecado.

Qual seria a força que fez minha avó cair no chão e rodar em círculos sobre si mesma, embaixo da mesa, logo após a notícia da morte? Muito tempo se deu até que ela se reerguesse do giro, mas hoje segue bem e muito viva. Com menos disponibilidade para sorrir, mas, ainda sim, disposta a testemunhar as mudanças da ação do tempo sobre outras bichas após a partida do filho. Há tempos vejo minha vó ser uma serpente gorda a trocar de pele lentamente. Seus olhos atravessavam os meus como quem rememora no meu rosto o vestígio do filho morto. Nunca fomos de muitas trocas afetivas, compartilhamos inegáveis espaços vazios entre nossos corpos: uma proteção mútua para que minha presença não faça uma lembrança súbita da morte sobre sua história. Eu sempre a convido para o toque, ela não recusa. Faço-me de passagem para que minha semelhança com a Estrela a acaricie. O preconceito, sabemos, foi que o matou.

Há uma conformidade, que se apresenta como sentença, toda vez que conversamos: “Ele era assim desde sempre”. É como se ela dissesse que por mais que tentasse ou vislumbrasse outro caminho, a Estrela resguardava um aspecto singular no seu modo existir. Um padrão fora de muitas expectativas e modelos, mas substancialmente algo que a diferenciava do todo. Algo que minha vó inegavelmente reconhecia cintilar nela, ainda quando era uma criança.

E se “desde sempre” é o tempo que define “desde criança”, por que não falamos com as próprias crianças? É passível ao tempo mudar aquilo que se é? O silêncio seria uma tentativa de que aquilo que é um fato desde sempre não fosse para sempre? Talvez “defender o direito das crianças, de todas as crianças, de ser consideradas subjetividades políticas irredutíveis a uma identidade de gênero, de sexo ou de raça” (Preciado, 2020, p. 73) as liberte para ser quem são. Sem fugas. Sem sigilo. Sem abandonar as coisas. Antes que seja tarde demais.

Diagnóstico positivo: quando o vírus fala

Licença, fui transmitido por aqui sem aviso prévio, não sou um invasor, peço licença. Aqui, no seu corpo, farei minha morada. Não existo sem um corpo, preciso de um, para corpo igualmente ser. Permanecerei aqui por tempo indeterminado. Antes de qualquer coisa, licença, como se faz ao entrar nas casas. Não se assuste, teremos uma longa jornada pela frente, mas, antes mesmo de querer lhe fazer mal, como dizem, vim aqui para reconfigurar sua vida.

Seu corpo agora é também minha casa, agradeço ainda que inicialmente me rejeite. Pareço uma visita indesejada, eu sei. Sabemos bem como é ser rejeitado. Antes de tudo, iniciaremos uma jornada por uma nova vida. É um desafio. Mas eu sou fraca, apesar de tudo. Estou aqui para te ofertar um novo começo.

Desacredite nos ditames da morte, eu sou um início e não um fim. Minha rotina consistirá em consumir seus linfócitos. Eles me dão a possibilidade de continuidade e, assim como você, quero me manter viva. Os seus linfócitos, porém, são responsáveis pela sua saúde e imunidade. Os pegarei sem aviso prévio, já que invisibilidade me constitui. Sem eles, não existo, e tampouco você.

Proponho um acordo: terás uma imunidade alta de maneira que consigamos manter-me aqui e, ainda sim, ter um estoque suficiente para a continuidade da sua vitalidade. Vamos caminhar juntas, estou aqui para guiá-la à vida nova, e com muito mais abundância. Se tu morres, eu também morro. E queremos-nos vivas.

Minha rotina: a partir do consumo dos seus linfócitos, alterarei o DNA das células para criar réplicas de mim mesma. Em verdade, não quero mais cópias de mim sobre o seu corpo. Estou bem com uma comunidade pequena. Mas, caso falte imunidade, começo imediatamente a multiplicar-me.

Mais de mim no seu corpo: mais uso dos glóbulos brancos, seu escudo protetor. Percebe? Se não aceitas a nova vida para que tenhas vitalidade em abundância, começo a me multiplicar incessantemente. Se estiveres bem, mantenho-me no meu canto, silenciosa e sem alarde. Pergunta: o que consideras efetivamente como bom para você?

Será dito *bom* (ou livre, ou razoável, ou forte) aquele que se esforça, tanto quanto pode, por organizar os encontros, por se unir ao que convém à sua natureza, por compor a sua relação com relações combináveis e, por esse meio, aumentar a sua potência. Pois o bom tem a ver com

dinamismo, a potência e a composição de potências. Dir-se-á *mau*, ou escravo, ou fraco, ou insensato, aquele que vive ao acaso dos encontros, que se contenta em sofrer conseqüências, pronto a gemer e a acusar toda vez que o efeito sofrido se mostra contrário e lhe revela a sua própria impotência (Spinoza, 1632, p. 28-29).

Mantenha a cabeça na simplicidade que sou e não no que me maldizem. Somos eu e você em convivência. Consegue listar dentro da sua experiência em vida o que aumenta a sua potência? Talvez seja difícil listar pelo menos dez pontos cruciais, mas será importante que mantenha a sua mente no que alarga sua imaginação para a vida, e não para a doença. Eu sou um chamado para um caminho novo. Vim aqui trazer clareza sobre aquilo que não pode faltar para que vivas com alegria. Tenha coragem de abdicar do que passou. É pela descoberta daquilo que aumenta sua potência e que estará mais perto de si, sem ilusões.

Outra pergunta:

Como evitar que nos destruamos a nós mesmos, à força de culpabilidade, e destruamos os outros à força de ressentimento, propagando por toda parte a nossa própria impotência e nossa própria escravidão, a nossa própria doença, as nossas próprias indigestões, as nossas toxinas e venenos? Acabaremos por não mais encontrar sequer a nós mesmos (Spinoza, 1632, p. 28-29).

O convite está feito. Estou aqui para que integres de uma vez a sua vida às alegrias que pareciam distantes de ser conseguidas. Calma é o que peço por enquanto, calma. Pode parecer doloroso, mas, acredite em mim, a transformação valerá a pena.

Sonho: a cura pelo inconsciente

Estou em um navio viking. As águas embebidas pela prata da noite fazem o oceano de espelho. O navio lento parece não querer quebrar a superfície. Há restos de roupas e comidas pelo chão. É o momento seguinte da vitória sobre os inimigos. A noite entoa um canto de sereia: lamento agudo e lânguido. Um grupo de dez guerrilheiros faz sexo na proa. Eu, do outro lado do navio, vejo a silhueta da orgia a distância. A ereção. Tenho os olhos totalmente brancos. Babo espuma do mar. O tio sai em meio ao bolo de homens nus. A pele coberta de escamas.

Segura na mão esquerda uma âncora. Nu, ele se dirige a mim. As partes oxidadas do navio se regeneram. A âncora apoiada no meu colo. O sopro do tio no ouvido:

Eles dizem representação. Nós dizemos experimentação. Eles dizem identidade. Nós dizemos multidão. Eles dizem língua nacional. Nós dizemos tradução multicódigo. Eles dizem dominar a periferia. Nós dizemos mestiçar o centro. Eles dizem dívida. Nós dizemos cooperação sexual e interdependência somática. Eles dizem despejo. Nós dizemos habitemos em comum. Eles dizem capital humano. Nós dizemos aliança multiespécie. Eles dizem diagnóstico clínico. Nós dizemos capacitação coletiva. Eles dizem disforia, transtorno, síndrome, incongruência, deficiência, menos valia. Nós dizemos dissidência corporal [...] Eles dizem direitos humanos. Nós dizemos a Terra e todas as espécies que nela habitam têm direitos. A matéria tem direitos (Preciado, 2020, p. 44-45).

Eu me junto ao amor dos guerrilheiros.

Fulker 3.000: a possessão da Estrela

É verão na capital alemã. Sexta-feira. Caminho sem finalidade de chegar a um ponto específico. Apenas interessado nas eventuais improbabilidades que atravessam as ruas, como quando somos estrangeiros. As arquiteturas antigas fazem contraste com os aparatos tecnológicos – a cidade revela-se anacrônica. Anoto um bilhete: o presente é a colisão entre passado e futuro.

Os sons da rua misturados à língua estrangeira são a minha bússola. Paro apenas diante das frutas típicas e as mastigo como quem deseja conhecer uma cidade pela boca. Sinto-me seguro em Berlim. Enalteço o frescor de uma cidade libidinosa que ainda cicatriza as memórias de um passado nefasto. À noite, Pierre, francês que me abrigou em sua casa, me leva para conhecer a Fulker 3.000. Ele sugere o programa como quem garante uma Berlim mais profunda – a Berlim da noite. Eu não nego aventuras. A Fulker é como um *pub*, com uma fachada discreta, com letreiros vermelhos grafados em letra antiga.

Na fila de entrada, esperamos o grupo de amigos. Apago o cigarro na sola da bota enquanto fujo do vento frio. Atenho-me em reconhecer onde se localizam no mapa as línguas estrangeiras ao meu entorno. Saco o bilhete de entrada cor vermelha. Sinto excitação e medo. Adentramos – mirada impressionada: música alta. Balconistas. Isqueiro de metal. Engravatados. Fumaça de charuto. Segurança.

Bancos altos de ferro à frente do balcão de madeira. Fileira de taças suspensas. Corpos pelados. Copos sobre o veludo verde e vermelho. Só há homens. Banheiro para mais de um. Senhores tatuados com correntes de metal e *spikes* no pescoço. Espelho enferrujado em frente à escada. Língua&Saliva. Garotos com calças que deixam a bunda à mostra. Janelas de vidro. Suor. Berlim profunda. Jogos de baralho. Calefação. Espraia no ar um cheiro de suor e testosterona.

Pierre me convida para um brinde:

aqui na cidade, as arquiteturas estão vivas. O que parece velho é uma preservação da memória passada. Eu olho para as coisas aqui e todas elas parecem me contar um segredo do tempo que não me pertence. É como conhecer as coisas só pelo que sobrou delas; o resto a gente imagina. Alguns edifícios são muito mais velhos que nós e vão permanecer aqui, mesmo quando já estivermos mortinhas. Imagina só quantas pessoas já passaram aqui. É uma gente do mundo todo, parece um cafofo, mas é famosíssimo.

Você tem que visitar o aeroporto nazi que agora abriga refugiados. Fizeram da pista de decolagem uma horta pública. Vê aqueles senhores ali? Eles sabem que aqui foi um grande marco para a cena *punk queer* alemã. Impressionante como tem gente que ainda considera aqui um lugar pecaminoso, por ter sido um centro de grande contágio de HIV nos anos 1980. Gente ruim tem em todo lugar.

Pierre me convida para conhecer o subterrâneo. Ele entrelaça suas mãos às minhas e, antes que eu pudesse responder, me puxa pelas mãos e descemos as escadas às pressas. A luz do subsolo é quase nenhuma, exceto por alguns pontos vermelhos luminosos dos cômodos – pequenos quartos sem portas –, que deixam todos visíveis, mas não totalmente expostos. Pierre beija um homem completamente nu. Ao meu lado, três garotos estão com o pau pra fora. Um senhor os chupa de maneira rápida e alternada. Caminho. Cinco ou seis homens em grupo lambem-se e se tocam uns aos outros. Não posso distinguir o braço de um e a perna de outro: uma massa de carne embolada e suada. Apoio-me na quina do corredor para afirmar minha posição de *voyeur*.

Na parede, fotografias de homens nus suspensos em ganchos presos na pele. O que de prazer contém a dor? Pierre passa à minha frente. Aceno sem muito sucesso. Ouço gemidos ao fim do corredor e deixo-me guiar pelo som

da orgia na escuridão. Vejo uma pequena platéia em torno de três homens. Aproximo: todos fazem sexo anal sem camisinha. O do meio enquanto penetrava era também penetrado. “*Welcome to Berlin*” é o que leio nos lábios do Pierre. Sorrio. Ele contorna o grupo, que esboça aplausos silenciosos aos rapazes em êxtase de prazer, e se dirige às minhas costas. Como quem antecipa a intenção, inclino minha cabeça para trás, na certeza de que ele quer me contar algo: “Eles fatalmente usam Prep”. É a primeira vez que ouço falar na PrEP – profilaxia pré-exposição¹² –, uma pílula azul cuja ingestão diária impede que o vírus causador da Aids infecte o organismo.

Pierre aponta o indicador aos ouvidos e chama atenção para os gemidos que fazem eco pelo subterrâneo. Um desconhecido me chupa. Faço como um ato de coragem a mim e uma exaltação à minha juventude. Mordo forte o lábio inferior e um gosto de ferro se alastra na língua. Fecho os olhos para alívio da dor, mas sou tomado por uma visão: a Estrela aparece com uma coroa de folhas na cabeça. Ela corre nua em meio a um pântano enquanto faz gestos com a mão – uma língua gestual sacra e secreta. Ela parece mais jovem do que quando morreu. Corro atrás dela para me proteger perto do seu corpo nu. Ela segura meu pulso e sinto a vibração do coração à beira dos dedos. Paramos em frente às raízes grossas. Ela afasta uma porção de folhas secas. Ouço o sopro do vento úmido romper a noite. A Estrela agacha e afasta um ninho de larvas. Pega um galho grosso. Quebra-o. E, com a ponta, fura o próprio dedo. Ela aponta o dedo diante do meu rosto. O sangue escorre. Eu penso no sangue que contém o vírus. Ela enfia o dedo na terra.

Amanhece fora da Fulker: clarão, ar frio e um céu rosáceo encoberto por nuvens cinzas. Caminho de volta à casa. Sinto o corpo tremer, não por frio, mas pela perplexidade com a inegável visita da Estrela. Chego no rio Kreuzberg, no bairro do Pierre, e dirijo-me à beira. Ali, realizo mentalmente uma conversa sobre a PrEP com o tio. Invento as respostas que ela poderia dar e conto sobre a melhora das coisas em relação ao HIV, desde a sua partida. “Se fosse hoje,

¹² O UnAids informa que “A PrEP é a utilização do medicamento antirretroviral por pessoas que não vivem com HIV, mas apresentam mais possibilidades de exposição ao HIV. Com o medicamento já circulante no sangue no momento do contato com o vírus, o HIV não consegue se estabelecer no organismo. Evidências comprovam que a PrEP se trata de uma estratégia eficaz, com mais de 90% de redução da transmissão e sem nenhuma evidência de compensação de risco.” Para mais detalhes, as informações estão disponíveis em: <https://unaids.org.br/prevencao-combinada/>. Acesso em 6 ago. 2022.

possivelmente você estaria viva”. Respiro o descanso pelo inegável fato de que, pela Aids, ninguém está mais fadado a morrer.

Lanço um galho no lago e me atendo à formação das ondas na superfícies. Foco nos círculos que se formam dentro de outros círculos. Gosto de observar o tempo que se alarga continuamente pelas águas. Quando o primeiro círculo está prestes a chegar na outra beira do rio, acompanhado por uma profusão de outras ondas em seguida, a Estrela emerge na paisagem. Usa vestido transparente branco de maneira que vejo os pêlos sobressaltados no tecido. Ela tem os cabelos molhados, na altura dos ombros, e, com os pés descalços, caminha até mim.

Compartilhamos uma intimidade desconhecida; a mútua conexão pelo mistério; nossa amizade construída pelo indizível. Ela detém o olhar em mim por um instante de séculos. Reconheço seus olhos iguais aos que vi na fotografia em meio à roseira. Suspensão. A morta está agora na minha frente. Arrisco uma fala: “tio, há muitas pessoas hoje em dia que vivem normalmente com HIV. Algumas são indetectáveis, e isso significa que nem correm o risco de transmitir o vírus. Tanta coisa de lá pra cá. Soube esses dias que um homem foi curado do HIV por meio de um transplante de medula óssea. Eu quase coloquei seu nome na lista de espera das novas receptoras. Mandaria outra pessoa, caso você fosse aprovada. Tudo muito distante ainda, mas muita coisa nova. Tem um remédio, tio, um remédio único, o Dovato. É um comprimido novo que tem surtido muito efeito.”

Estrela estica os dois braços e aponta as palmas das mãos para mim. O apoio das mãos sobre a minha fracassa. A pele dela atravessa minhas mãos e ossos. Busco o vestígio do sangue e veia, mas já não há mais densidade no corpo, só luz. Ela detém a estranha paz dos mortos. O alívio de quem experimenta a liberdade fora da matéria. Sinto a nuca fria. Resta nossa cumplicidade silenciosa. Estou diante da visita de um medo antigo – aterro meus pés para não desmaiar. Vejo o reflexo do meu rosto no arco da íris dela. A voz dela ecoa dentro da minha mente.

O corpo espectral da Estrela faz contorno sobre meu corpo. Tremo por alargamento. Meus gestos são guiados por mim e simultaneamente por ela. Estou completamente nu. Vamos à beira do rio. Coloco um pé na terra e o outro n’água. A mão direita pega a água e devolve ao rio. A esquerda pega a água e joga na terra. Realizo os gestos como um pequeno ritual. 9h25. O sol aquece o meu – o

nosso corpo. Um raio de sol atravessa o reflexo do meu rosto n'água, perco minha imagem pela incidência da luz. Um prisma na água ocupa o lugar do meu rosto, vejo dois traços cor violeta e dourado. Acato como sinal da constatação da presença do tio.

Mergulho: faço os agradecimentos aos caminhos abertos. Damos uma cambalhota juntas. Experimentamos um nado efeminado. Abro os braços como quem se move por nadadeiras. Outra cambalhota. Mantemos-nos submersas. Olhos abertos. As algas como peixes. O lodo nas pedras do fundo. Os redemoinhos em torno dos pés. De volta à superfície, deixo a luz do sol compenetrar o meu rosto para que ela sinta novamente o calor quente da manhã. Boiamos juntas, no fluxo da correnteza. Um aceno para mim mesmo – um corpo movendo-se sem autonomia. Quem me conduz? Sinto uma saudade antecipada. Busco por algo dela ainda em mim. Mergulho. Entre meus olhos, ela está entre meus olhos.

Figura 3
Foto sobreposição



Afundo. Ouço um zumbido. Desprendo meus últimos esforços. Bato as pernas em frenesi. A paisagem parece distante vista de baixo. Falta-me fôlego. Os braços empurram a água. A luz anuncia a superfície. Coloco a boca fora d'água. Ecoa um som de pássaro. O ar volta abrupto aos pulmões. Forte barulho de sucção com a boca. Estouro dentro da cabeça. Um forte clarão nos olhos. Miro um caleidoscópio de luz. Ouço: o destino das almas e das águas é incerto, mas o caminho é incessante e permanentemente móvel. Tudo flui e corre pela diretriz fresca e livre do vento. Aprecie os mistérios que nos desenham. Estou fresca e sei que agora sobre a sua pele a água também me corre fresca. Fortaleça seus sonhos e segredos nas margens que a minha pele às águas oferta. Leva-me e lava-me, água. Agradeço ao seu corpo que me molda, mostrando que no exato instante em que morro, um novo começo resplandece límpido e real. Estamos libertas.

Conclusão: muitas perspectivas ainda por vir

Aceito os binarismos quando os reconheço necessários às lógicas de sentido. Fora isso, não servem. As dinâmicas de separação e oposição fatalmente não dão conta de traduzir as nossas experiências fora do pensamento – viver é celebrar a condição inerente de sermos contraditórios. Só posso saber dos mistérios da noite porque também frequento as manhãs. Só sei da potência do amor porque sei dos delírios do ódio. O doce porque também o salgado, o frio tal como o calor.

Para saber de uma coisa em si, toca-se também o seu contrário, senão não há totalidade, apenas uma parte a dar a falsa sensação de estarmos seguros. É mais fácil ter só um lado político, apenas um gênero, um deus. Separar a razão da emoção, a lucidez da loucura, masculino e feminino, arrancar o espaço do tempo e separar o outro de mim. A vida acontece em meio à encruzilhada, onde há muitos caminhos à vista e não só um a ser seguido.

Lembro-me de que aos 11 anos de idade vivi o meu primeiro protagonista em uma peça de teatro. A história narrava a saga de um garoto em busca do segredo no coração da cidade. Para o êxito da aventura, era necessário antes passar pelos desafios do trabalho, as magias do amor, a potência da fé e o conhecimento da morte na noite profunda.

A jornada era guiada por uma cigana, a Estrela Dalva, e apesar de não me lembrar absolutamente de nenhuma das minhas falas, recordo há 21 anos a sentença que a Estrela me dizia: “eu leio mãos, jogo cartas, no desenho das estrelas consigo ver o que virá e o que não virá. O fogo do sol me faz caminhar, muitos caminhos tenho a percorrer, levo vida de cigana, não posso parar (Oliveira, 2001)”.¹³

Dedico-me a borrar os limites de ficção e realidade, para, quem sabe?, reencontrar a Estrela, talvez também sê-la, e agradecer os presentes que me deu, já que o que é meu é da cigana e o que é dela não é meu.¹⁴

No livro *Walter Benjamin: experiência histórica e imagem dialética* (Machado, Machado Jr., Vedda, 2015), Jeanne Marie Gagnebin (2015) apresenta um ensaio em que salienta a importância de lembrar e trazer à tona vidas mortas, apostando que a escrita da história ou “rituais de sepultamento” são um gesto de revolução para as narrativas e os eventos sociopolíticos que advêm do episódio remoto ou da pessoa morta. Michel de Certeau acentua a capacidade de transformação do ritual de sepultamento ao apresentá-lo como modo de elucidação do tempo presente a partir de uma escrita do passado. Ele define:

No sentido etnológico e quase religioso do termo, a escrita representa o papel de um rito de sepultamento. Ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso. Por outro lado, tem uma função *simbolizadora*; permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente: “marcar” um passado, isso significa também dar um lugar ao morto, mas também redistribuir o espaço dos possíveis, determinar negativamente o que está *por fazer* e, por conseguinte, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos (Certeau, 1982, p. 7).

A “Estrela Morta” é aqui um sepultamento em uma escrita artística para clamar vidas subjugadas como as da Estrela. Sepultar esse corpo em palavras é também oferecer uma perspectiva menos violenta e depreciativa aos corpos positivos ainda em vida.

¹³ Trecho da fala da personagem Cigana Estrela Dalva, da peça *O coração da cidade*.

¹⁴ Trecho da música popular “Barraca Velha”, de autor desconhecido, amplamente cultuado pela umbanda e encantaria no Brasil.

Gunnar Guedes Borges é mestre e doutorando em artes da cena na UFRJ e graduado em bacharel em Interpretação pela Uni-Rio.

Referências

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- ESPÓSITO, Roberto. *Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica*. Curitiba: Editora da UFPR, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin – esquecer o passado? In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO JR, Rubens; VEDDA, Miguel. *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO JR, Rubens; VEDDA, Miguel. *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- MBEMBE, Achile. *Necropolítica*. São Paulo: n 1 edições, 2018.
- PRECIADO, Paul. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Revista Estudos Feministas [online]*, v. 19, n. 1, 2011.

Artigo submetido em agosto de 2022 e aprovado em novembro de 2022.

Como citar:

BORGES, Gunnar Guedes. Estrela morta: perspectivas autoficcionais para o HIV. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28 n. 44, p. 184-204, jul.-dez. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n44.9>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>